a transição energética não pode ficar à espera da burocracia

Nuno Araújo
CEO – Go Solar, *Powered by* PROEF
João Rodrigues
Diretor Executivo da APIEE

A mobilidade elétrica é provavelmente uma das faces mais visíveis da transição energética. O crescimento do número de veículos elétricos, a necessidade de redes de carregamento cada vez mais rápidas e a eletrificação progressiva das frotas empresariais estão a transformar a forma como pensamos as infraestruturas energéticas. Mas olhar para esta transformação apenas através dos carregadores seria reduzir um desafio muito mais abrangente.



O próprio carregamento está, aliás, a deixar de ser um simples consumo passivo. A gestão inteligente da potência, a integração com produção renovável e armazenamento e, progressivamente, a possibilidade de interação bidirecional entre veículos, edifícios e rede tornam a mobilidade elétrica parte integrante do sistema energético.

A verdadeira mudança está na forma como produzimos, distribuímos, armazenamos, partilhamos e consumimos energia. Mobilidade elétrica, autoconsumo, armazenamento e Comunidades de Energia Renovável não são realidades independentes. São diferentes componentes de um mesmo sistema energético, cada vez mais descentralizado, digital e próximo do consumidor.

O DESAFIO JÁ NÃO É APENAS PRODUZIR ENERGIA RENOVÁVEL

Portugal deu passos muito significativos na incorporação de fontes renováveis na produção de eletricidade. O desafio da próxima fase é conseguir aproximar a produção dos locais de consumo e utilizar de forma mais eficiente a energia produzida.

Uma empresa industrial com uma UPAC (Unidade de Produção para Autoconsumo) pode produzir parte da energia que consome, armazenar excedentes, alimentar a sua frota elétrica e, através de modelos de partilha de energia, permitir que essa produção beneficie outros consumidores na sua proximidade.

É precisamente esta integração que deve orientar a evolução do setor.

A instalação de um *hub* de carregamento rápido, por exemplo, já não deve ser encarada apenas como a construção de uma infraestrutura elétrica. Pode implicar necessidades significativas de potência, produção fotovoltaica local, armazenamento, sistemas de gestão inteligente de energia e, naturalmente, uma adequada ligação à rede.

Neste novo modelo, o armazenamento assume um papel crescente. Uma bateria instalada numa unidade industrial ou num *hub* de carregamento não serve apenas para guardar excedentes de produção fotovoltaica. Pode contribuir para gerir pontas de potência, otimizar a utilização da ligação à rede e deslocar consumos para períodos energeticamente mais favoráveis.

Quanto maior for a eletrificação dos transportes, da indústria e dos edifícios, maior será esta necessidade de integração.

TECNOLOGIA DISPONÍVEL, PROCESSOS AINDA DEMASIADO COMPLEXOS

Grande parte da tecnologia necessária para esta transformação já existe. Existe também capacidade de engenharia, construção e operação nas empresas portuguesas. A experiência que temos vindo a acumular no Grupo PROEF, através da Go Solar, em projetos de produção fotovoltaica descentralizada, mobilidade elétrica, armazenamento e Comunidades de Energia Renovável demonstra que é possível conceber soluções integradas, tecnicamente robustas e adaptadas às necessidades de cada consumidor. O problema surge muitas vezes entre a decisão de investir e a entrada em funcionamento da infraestrutura.

Licenciamentos, pedidos de ligação à rede, diferentes interpretações administrativas e a intervenção sucessiva de diversas entidades podem introduzir prazos dificilmente compatíveis com a velocidade a que empresas e investidores precisam de tomar decisões. Naturalmente, uma transformação desta dimensão exige regras, segurança e rigor técnico. Simplificar não pode significar diminuir a exigência. Mas também não devemos confundir rigor com complexidade.

Precisamos de processos mais claros, previsíveis e digitais, de maior articulação entre entidades e de prazos de decisão compatíveis com os objetivos de descarbonização que o próprio país assumiu.

A REDE SERÁ DETERMINANTE

Existe ainda um desafio incontornável: a capacidade das redes elétricas. A eletrificação crescente dos consumos coloca novas exigências sobre infraestruturas que foram desenhadas para um modelo energético muito diferente daquele que estamos a construir.

O necessário reforço das redes terá, por isso, de ser acompanhado por uma utilização muito mais inteligente da infraestrutura existente. Produção distribuída, armazenamento, gestão inteligente dos consumos e partilha local de energia podem contribuir para reduzir picos de potência e aproximar produção e consumo. As Comunidades de Energia Renovável assumem aqui uma importância particular. Permitem transformar consumidores em participantes ativos no sistema energético e criar modelos em que a energia produzida localmente pode ser consumida localmente. É uma mudança profunda: passamos de um sistema essencialmente unidirecional

para um ecossistema energético em que milhares de empresas, municípios e cidadãos podem simultaneamente produzir e consumir energia.

MOBILIDADE ELÉTRICA COMO PARTE DO SISTEMA ENERGÉTICO

Também por isso devemos deixar de olhar para a mobilidade elétrica como um setor isolado. Um veículo elétrico é simultaneamente um meio de transporte e um novo consumo elétrico. Mas, quando associado a sistemas de carregamento inteligente e, progressivamente, a soluções bidirecionais, pode também constituir um recurso de flexibilidade para o sistema energético.

Uma rede de carregamento rápido pode representar uma necessidade relevante de potência num determinado território. A localização das infraestruturas, a disponibilidade de rede, a produção renovável local, o armazenamento e os sistemas inteligentes de gestão devem, por isso, ser pensados em conjunto.

O carregamento inteligente será particularmente importante neste contexto. Nem todos os veículos precisam de carregar simultaneamente, nem todos necessitam da potência máxima disponível durante todo o período em que permanecem ligados. A capacidade de gerir os carregamentos em função das necessidades dos utilizadores, da produção renovável disponível, das condições da rede e dos restantes consumos permite utilizar de forma mais eficiente a infraestrutura existente.

Este será um dos grandes desafios dos próximos anos: garantir que o crescimento da mobilidade elétrica é acompanhado pela infraestrutura energética necessária, evitando que a disponibilidade de potência se transforme num obstáculo ao investimento.

Para isso será indispensável planeamento, mas também capacidade de execução.

DA AMBIÇÃO À EXECUÇÃO

Portugal reúne condições particularmente favoráveis para estar na linha da frente desta transformação. Temos recursos renováveis, conhecimento técnico, empresas qualificadas e um tecido empresarial cada vez mais consciente da importância estratégica da energia. Precisamos agora de transformar essa vantagem em capacidade de execução.

A transição energética não acontecerá apenas através de grandes centrais renováveis ou de grandes investimentos na rede. Acontecerá também nos telhados das fábricas, nos parques empresariais, nos municípios, nos *hubs* de carregamento e nas comunidades que produzem e partilham a sua própria energia.

Para empresas como a PROEF e a Go Solar, que trabalham diariamente na concretização destes projetos, existe uma convicção clara: a tecnologia já permite fazer muito mais do que aquilo que os atuais ritmos de implementação conseguem acompanhar.

O próximo salto da transição energética será, por isso, menos uma questão de descobrir novas soluções e mais uma questão de conseguirmos implementar, integrar e escalar aquelas que já temos.

CONCLUSÃO

A mobilidade elétrica será muito mais do que a substituição do motor de combustão pelo motor elétrico. Será uma das peças de um sistema energético mais descentralizado, flexível e inteligente.

Grande parte da tecnologia de que precisamos já está disponível. O verdadeiro desafio está agora na execução: garantir que as redes, a regulação e os processos de licenciamento evoluem à velocidade do investimento e da inovação. Porque a transição energética não pode ficar à espera da burocracia.

PUB